



NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
(33) 3329-2500 - 0800.033.3883



CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO - FAVENI



APOSTILA

PEDAGOGIA SOCIAL

ESPÍRITO SANTO

FUNDAMENTAÇÃO



<http://www.unsa.edu.ar/boletinseu/2014/Imagenes/fac%20humanidades/>

Introdução

Pedagogia Social significa “agir sobre si mesmo”, com os outros e com as perguntas da sociedade, de tal forma, que nossa ação torne possível o desenvolvimento sadio de outras pessoas e das condições sociais no âmbito de grandes e pequenos grupos e também no âmbito do desenvolvimento de sensibilidade, responsabilidade e ação sociais individuais. (RUDOLF STEINER-1986).

Desde sua origem no ano de 1930, o Curso de Pedagogia no Brasil, tem colocado como centro de seus questionamentos, a formação de educadores para atuar na educação formal, regular e escolar.

O curso foi regulamentado nos anos de 1939, 1962 e 1969, o que pouco trouxe nos sentidos de inovações e de flexibilização nos projetos das instituições formadoras desses educadores, pois o referencial nacional que regia seu currículo era mínimo.

Somente em 1996, com a Reforma do Ensino e da Educação, esse currículo mínimo foi substituído por Diretrizes Curriculares Nacionais, o que possibilitou uma diversidade nos projetos educacionais. Nesse novo paradigma, acentuou-se a discussão sobre o trabalho e a formação do pedagogo, e a possibilidade da atuação

desse profissional em diferentes espaços.

O conceito de Pedagogia Social mais generalizado é o que faz referência à ciência da educação social das pessoas e grupos por um lado, e por outro, como ajuda, a partir de uma vertente educativa, às necessidades humanas que convocam o trabalho social, assim como ao estudo da inadaptação social.

O indivíduo socializa-se dentro e fora da instituição escolar e por isso, a educação social, deve efetuar-se em todos os contextos nos quais se desenvolve a vida do ser humano. Nesse sentido, não pode definir-se exclusivamente por ocupar o espaço não escolar, o que implicaria uma redução da mesma.

Como afirma ORTEGA (1987), hoje sabemos que há muito mais educação fora, do que dentro do sistema formal e que deverá procurar sempre o objetivo da educação ao longo da vida. A educação social deve, antes de qualquer coisa, ajudar a “ser” e a “conviver” com seus pares, a viver junto em comunidade.



<http://www.idhesp.com.br/noticias/312-curso-pos-graduacao-em-educacao-especial-e-inclusao-social>

Portanto, a Educação Social persegue objetivos que poderiam ser sintetizados no contributo para que o indivíduo se integre no meio social que o envolve, mas com o diferencial de possuir capacidade crítica para melhorar e transformar o seu entorno.

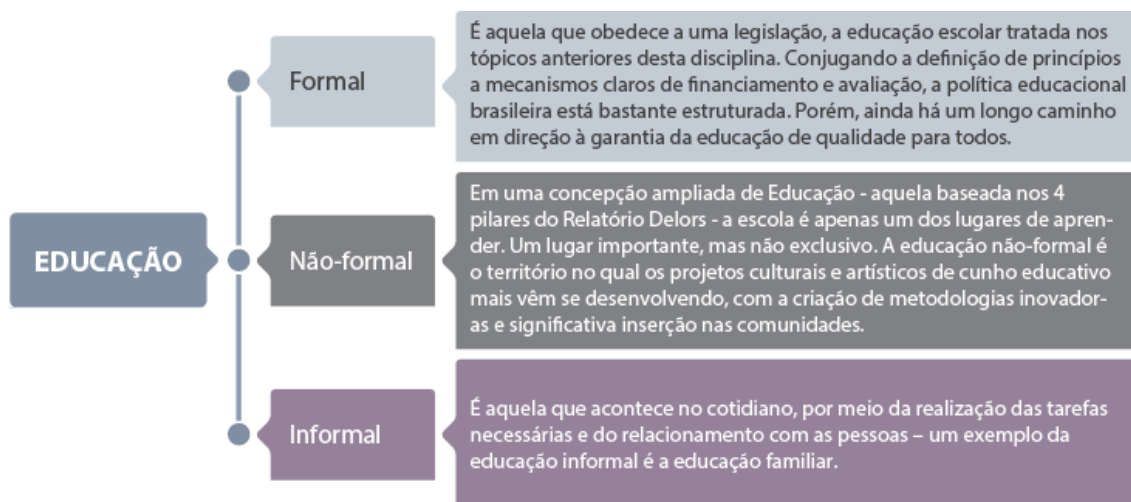
Numa perspectiva teórico- reflexiva, o presente texto pretende situar a Pedagogia Social, como proposta inovadora para o curso de Pedagogia, incorporando a ele as práticas da educação não formal.

Pedagogia Social surgiu de novas demandas sócio educacionais no Brasil (mesmo sem conhecimento prévio quanto às teorias e práticas) e principalmente, quanto à formação desse profissional educador.



<http://blog.micropowerglobal.com/post/2015/07/24/a-diferenca-entre-a-aprendizagem-formal-e-a-informal.aspx>

Como fundamentação teórica da Pedagogia Social, incorporam-se as relações existentes entre a educação formal, informal e não formal, configurando seu campo de ação, seu objeto de estudo, suas técnicas e metodologias, além da regulamentação como profissão.





http://www.cultura.rj.gov.br/curso-gestores-agentes/pilar_5.html

CONCEITO DE PEDAGOGIA SOCIAL

A Pedagogia Social apresenta-se, como a ciência que referenda políticas de formação do educador, para a área social e como prática intervencionista, numa dimensão teórico - prática.

Inserir-se como uma ciência que propicia a criação de conhecimentos, como uma disciplina que possibilita sistematização, reorganização e transmissão de conhecimentos e como uma profissão com dimensão prática, com ações orientadas e intencionais.

A Pedagogia Social refere-se à educação voltada para a vida em sociedade e que pode se realizar por meio de processos de socialização. Historicamente, se encontram alinhados nessa concepção, autores como H. Pestalozzi, H. Nohl e B. Suchodolski (QUINTANA, apud MACHADO, 2002).

É uma ciência da educação, que se identifica com o saber construído na Pedagogia, dividindo espaço e diferenciando-se da História da Educação, da Antropologia e da Sociologia. Associada em meados do século XX à Sociologia da Educação, atualmente a Pedagogia Social, se especifica com distinção e clareza de objetivos, frente às diversas áreas do conhecimento. Como ciência, traz consigo implícitos critérios e paradigmas próprios, das teorias e da metodologia das demais ciências.



<http://sentidopedagogico.blogspot.com.br/2012/07/ate-que-ponto-o-tradicionalismo-e.html>

A Pedagogia Social tem por objetivo formal, a intervenção na realidade, como sendo uma ciência normativa, comprometida com o fazer educativo. Apropria-se de uma análise da sociedade e de indivíduos, desenvolvida por outras áreas do conhecimento.

Como não sendo área isolada, necessita das demais ciências, para lhe fornecerem real suporte em suas ações, pois, na teoria e/ou prática, a Pedagogia Social fundamentada e presente em diferentes países, atende a critérios que a credenciam a se desenvolver intelectualmente, dentro de uma estrutura acadêmica, publicações especializadas, estruturada socialmente (com associações), além de possuir uma titulação profissional, código próprio e marco deontológico.

Ainda é bastante desconhecida a Pedagogia Social, entre os países da América Latina e entre eles o Brasil, no tocante à sua abordagem teórica e sua qualificação profissional regular. Contudo, estão presentes em intervenções de diversas naturezas, como as sócias educacionais, pertencentes a diversificados espaços formais e não formais da educação, sendo que encontra maior desenvolvimento, consolidação e oferta, na educação não formal.

Como educação não formal, segundo TRILLA (2003), “entende-se por um conjunto de processos, meios e instituições próprias, organizadas em função de objetivos específicos, de formação ou instrução, não diretamente vinculados à obtenção de graus e/ou titulação, oriundos do sistema educativo formal”.

Difere-se da ESCOLA, porém possui ato planejado, intencional e organização própria. Encontra-se inserida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9394/96, que ampliando sua concepção de educação, inclui novos agentes educacionais e diferentes espaços educativos.

Com a intenção de explicar as inúmeras tendências atuais relativas à Pedagogia Social, diversos autores buscam a retomada da evolução histórica da referida disciplina, para justificar a variedade de enfoques, perspectivas teóricas, amplitude do tema e demais orientações, que se apresentam como referencial da Pedagogia Social.

Para QUINTANA (1999), a Pedagogia Social coloca-se como teoria da ação educacional da sociedade, pois propõe extrair dos municípios todas as suas potencialidades educativas, saindo dos muros da escola, para uma educação extraescolar, concepção essa, defendida pela UNESCO e por diversos autores, espalhados por toda a América Latina.

A Pedagogia Social é vista como doutrina de beneficência, em prol da infância e da adolescência, por ser uma concepção voltada para o atendimento de suas necessidades sociais, que vão além do enfoque tradicionalista de educação escolar, para o de interventor na sociedade.

Esse ideal surgiu na Alemanha, defendido por NOHL, MOLLENHANER (1978), BAÜNER e WILHELM, no contexto pós-guerra, onde houve a necessidade de atender a órfãos, desabrigados e mais adiante a jovens e adultos, numa concepção atual de trabalho Social.

A Pedagogia Social apresenta-se ainda, como uma doutrina da formação social do ser humano, pois, representa a maneira clássica de compreendê-la como sendo parte oculta na história da Pedagogia Geral. É um referencial das concepções de educação que defendem a vida em sociedade através de processos de socialização e inclusão. Autores como H. PESTALOZZI e H. NOHL (1935) sustentaram estas ideias, que persistem nos debates na atualidade.

A Pedagogia Social tem como objeto, a incorporação dos indivíduos às estruturas e circunstâncias sociais, pautando-se como doutrina do socialismo pedagógico, encampando todas as formas de conceber a Pedagogia Social, não como

mais uma disciplina ou corrente pedagógica, mas sim, como uma Pedagogia Sociológica. Essas concepções estão presentes, em trabalhos de autores como NARTOP (1920), DURKHEIM, WEBER E WILLMANN.



<http://www.casadozezinho.org.br/pedagogia-arco-iris.php>

A construção e a consolidação da Pedagogia Social foram influenciadas por diferentes correntes e autores que vão desde PLATÃO a HEGEL, de KANT a PESTALOZZI, passando por ROSSEAU. Igualmente, é possível estabelecer uma separação entre os denominados precursores ou antecessores na Pedagogia Clássica de PLATÃO a PESTALOZZI e, os fundadores ou criadores teóricos da Pedagogia Social, de NARTOP (1920) até à atualidade FERMOSO (1994).

Os primeiros pensadores não supõem uma etapa em si mesma, constitutiva do corpo científico como tal desta disciplina, mas contêm uma multiplicidade de contributos heterogêneos que serviram de base para o seu desenvolvimento (PÉREZ SERRANO, 2003).

Todas essas qualificações têm sido significativas na busca do objetivo da Pedagogia Social, por caracterizar indicativos sociais próprios do momento atual, em que se consolida a carência de uma educação permanente, onde são discutidas as relações entre a educação formal, não formal e informal.

Entende-se que a instituição ESCOLA deva surgir, sob novas formas de instituições educacionais, em que os meios de comunicação de massa que já estão

disseminados por quase todos os segmentos populacionais, possam estar presentes também no âmbito da educação e que esta, possa ser compreendida como educação comunitária, onde a própria cidade apresente-se como estratégia educacional, devido ao processo evolutivo dos estudos a respeito de municípios educadores.



<http://www.cidademarketing.com.br/2009/blog/mercadologia/236/instituto-claro-lana-cartilha-tecnologias-na-escola-.html>

O TRABALHO SOCIAL

Surge daí, dois campos que se diferem, como objetos da Pedagogia Social: o primeiro, entendido pela socialização do indivíduo, socialização esta, interpretada como uma ciência pedagógica, voltada para a educação social da pessoa humana, que pode ser ampliada por sua família, por seus professores ou por seus pais.

O segundo relativo ao trabalho social, focado no aspecto pedagógico, que visa atender às necessidades e carências sociais do indivíduo desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar que possua como integrante o Educador Social, como um atuante profissional da Pedagogia Social.

Esse profissional é reconhecido por dois aspectos (segundo PETRUS-1998): sendo o primeiro da perspectiva social, em função do trabalho desenvolvido por ele e o segundo, por sua ação intervencionista, cuja sua fundamentação teórica, se contrapõe entre a filosofia, a visão antropológica e as ideologias.

Destaca-se que o referencial do Educador Social, é a Pedagogia Social. Esse educador difere-se do Trabalhador Social, pelo seu caráter intervencionista

socioeducativo, ao passo que ao Trabalhador Social, compete a Assistência Social (a coleta de informações e dados, a observação e análise da realidade de forma sistemática) que vem intervencionista.

Dessa forma, torna-se nítido o aspecto interdisciplinar complementar o trabalho do Educador Social, dando-lhe subsídios para a realização do seu trabalho do trabalho social em ação. É a partir da integração em equipe, incluindo profissionais de diferentes áreas, que se viabilizam através de planos, programas, projetos de implementação, acompanhamento e avaliação nessa área.



<http://girasp.com.br/2013/10/ongs-de-sao-paulo-contratam-pedagogos-e-educadores/>

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

A Pedagogia Social surge na Alemanha e, as suas origens estão claramente relacionadas com a sociedade industrial e, com a crise belicista que se viveu na Europa, na primeira metade do século XX. Procurava-se na educação nesta época, uma solução para os problemas humanos e sociais (fortes movimentos migratórios, pobreza, desemprego, proletarização do campesinato, abandono de menores, exclusão econômica e cultural, delinquência, entre outros) que foram produzidos a partir da realidade então criada.

Devido a este contexto, foi sendo criado espaço para uma pedagogia que desse resposta às necessidades individuais e sociais e, estabelecesse um ideário de comunidade, em vista do excessivo individualismo que se propugnava na educação anterior. Essa nova pedagogia foi denominada por Pedagogia Social.

Segundo PERÉZ SERRANO (2003), vamos estudar o desenvolvimento

histórico da Pedagogia Social na Alemanha, já que é a partir da experiência germânica, que lentamente, ela vai se configurando em outros países da União Europeia.

Dividiremos em quatro etapas essa evolução histórica:

Primeira Etapa (1850- 1920)

A expressão Pedagogia Social parece ter sido usada pela primeira vez por DIESTERWEG no seu livro *Bibliografia para a Formação dos Professores Alemães* (1850).

Esse termo será utilizado sem nenhuma intenção epistemológica e apenas no contexto de uma tarefa classificativa de um determinado gênero de bibliografia pedagógica. Foi também este autor quem primeiro utilizou a expressão educação social, ainda que não tenha voltado a repeti-la em nenhum dos seus escritos, pelo que é legítimo pensar-se que o seu uso foi casual e sem mais valor atual que o puramente anedótico.

A figura mais importante desta etapa é PAUL NARTORP (1854- 1920). Este autor defende a ideia de que o homem individual é uma abstração, já que em toda pessoa subsiste a totalidade da comunidade em que se desenvolve.

A comunidade é, para ele, a condição que possibilita todo o progresso e o ideal a que deverá referir-se qualquer ação educativa. Parte da relação indivíduo-comunidade e, põe uma ênfase especial na ideia de que o ser humano é, sobretudo, um ser social de tal maneira, que só poderá chegar a ser homem mediante a comunidade: toda a atividade educadora se realiza sobre a base da comunidade.

Entende que toda a Pedagogia é social, ou deixa de ser autêntica pedagogia. Portanto, a Pedagogia Social não é, para NARTORP, uma parte da Pedagogia Geral, como sustentam outros autores da época, mas a “Pedagogia” É a Pedagogia contemplada a partir de uma determinada perspectiva precisamente a da comunidade social.

Devemos assinalar que, ainda que NARTORP seja conhecido como o fundador da Pedagogia Social, na realidade, segundo QUINTANA (1988), o que ele criou foi a Pedagogia Sociológica, que é algo muito diferente: enquanto a Pedagogia social é um

ramo da Pedagogia, a Pedagogia Sociológica é uma tendência, uma escola. **NARTORP**, portanto, é o inventor da denominação Pedagogia Social, mas não o desta ciência pedagógica.



<https://www.geneticmatrix.com/natorp-paul-human-design-chart.html>

Segunda Etapa (1920- 1933)

No início do Século XX, inicia-se o idealismo de NARTORP, ao qual devemos juntar os problemas sociais incrementados pela Primeira Guerra Mundial (aumento do desemprego, da delinquência, da falta de proteção social em geral e, em particular, da que se refere à infância e à juventude). Tudo isto contribuirá, para o nascimento do “movimento pedagógico social” dos anos 20, associado à figura de HERMAN NOHL (1879-1960).

A NOHL (1935) e à sua discípula Bäumlér, haverá que reconhecer a consolidação da articulação teórica da Pedagogia Social e o seu decisivo enfoque no sentido das práxis (ARROYO, 1985). Isto marcará o caminho da Pedagogia Social europeia posterior e suporá um passo adiante ao defini-la como a ciência da socialização terciária, ou seja, como a ciência da educação dos mais necessitados.

NOHL (1935) defende uma Pedagogia Social terciária, ou seja, como a ciência da EDUCAÇÃO dos mais necessitados. NOHL defende ainda uma Pedagogia Social relacionada fundamentalmente com a política e concebe-a a partir de uma perspectiva claramente preventiva, o que é uma novidade relativamente a definições anteriores.

As contribuições mais significativas de NOHL em relação à Pedagogia Social são as seguintes:

- a. Como Pedagogia Social entende-se ser um conceito ordenado, integração de esforços para a abertura de novos caminhos educativos e formas de auxílio à integração social da juventude.
- b. Ao contrário de NARTORP, a Pedagogia Social é apenas uma parte ou espaço da Pedagogia Geral, com fins específicos no sentido da formação popular. Assinala a necessidade de dedicar recursos à prevenção, ajuda e recuperação dos educandos. Torna a realidade concreta como ponto de partida da teoria da Pedagogia Social.
- c. O objetivo de sua orientação pedagógica é perseguir o bem do sujeito, desenvolver as suas capacidades e também sua vontade. Realça espaços contextuais, com a finalidade de assegurar a eficácia da ação pedagógica social.
- d. Destaca a tarefa de formação e investigação inerente à Pedagogia Social. Sublinha a necessidade de realizar ações científicas, que contribuam para dotar de estatuto científico a Pedagogia Social, até então considerada apenas no quadro conceptual.

Terceira Etapa- (1933-1949)

Em 1933, o nacional-socialismo de Hitler impôs-se na Alemanha. Esta etapa, que poderíamos caracterizar como a da utilização da Pedagogia Social para a propaganda política, tingiu a educação de ideologia e, limitou o desenvolvimento de todas as instituições e tendências de educação social.

Os representantes teóricos que podemos destacar nesta etapa são: E. KRIECK e A. BÄUMLER, que não trouxeram nenhuma nova contribuição à Pedagogia Social e se limitaram a aplicar sua teoria da educação aos problemas pedagógicos.

Para KRIECK, a comunidade é um organismo com vida própria, independente dos indivíduos e anterior a eles. A educação tem de basear-se na comunidade e especialmente, na raça e no povo. A pedagogia nacional social orienta-se no sentido da formação nacional popular de carácter racial e com uma única visão de mundo.

No seu entender, a educação é uma função originária do espírito e da comunidade. Propõe o comunitarismo nacional, isto é, o entrosamento e o serviço ao

próprio povo como um todo, numa unidade de valores, sentimentos e atitudes.

(Quarta Etapa: A Pedagogia Social Crítica desde 1950)

A teoria crítica estabelecerá, com caráter reflexivo-crítico, a ligação existente entre a educação e a estrutura social. Procura também, aprofundar os valores subjacentes às instituições educativas e ao modo tradicional de pensar a realidade educativa.

Os traços que caracterizam a Pedagogia Crítica, como assinalam CAMBI e OREFITE (1996) são os seguintes:

- a) Deve partir da situação concreta. Esta dá importância, às diferenças culturais e tem em conta a memória histórica.
- b) É autocrítica e usa a reflexão do coletivo, como critério de valoração da prática.
- c) É dialética. Utiliza o modelo ecológico, pelo fato de ser relacional, Inter contextual e Inter sistêmico.
- d) Parte de pressupostos emancipatórios. Usa a investigação como estratégia metodológica. Analisa e reflete sobre a observação para transformar a realidade.
- e) Deve superar os aspectos sociais, que impedem a evolução; de igual forma, deve descobrir, descrever criticamente e transformar, os conflitos irracionais que impedem uma interação solidária no microssistema e naqueles que o circundam e condicionam.
- f) Une a teoria à prática, a ponto de transformá-las dialeticamente, como consequência da influência recíproca.
- g) A Pedagogia Crítica é comunicativa e consensual. Comunicação e consenso podem existir num modelo ecológico através da negociação e da conexão com os diversos sistemas.



<http://www.auna.cl/category/educacion/page/2/>

MOLLENHAUER (1978), máximo representante da Pedagogia Social crítica, tem em conta em suas análises, os fatores econômicos, sociais e políticos, considera como resultado da situação educativa do homem e não como exigência de uma qualidade negativa da pessoa a reeducar para a sociedade, por incapacidade desta, ou da família.

Em suma, a tarefa sócia pedagógica consiste, em todos os casos, na satisfação de uma necessidade educativa aguda (Pedagogia da Urgência), provocada pela estrutura da sociedade moderna.

A Pedagogia Social Crítica, pretende a emancipação humana, analisa as estruturas sociais e procura o aperfeiçoamento e a transformação.

No Brasil, a Pedagogia Social foi iniciada por volta de 1979, por Lex Bos e sua esposa Johanna, através de Seminários de Pedagogia Social, que eles realizavam anualmente em nosso país. Esses Seminários, ainda são realizados até hoje no Brasil, agora, com a ajuda de outro grupo de consultores.

Em 1993 foi fundada a Associação para o Desenvolvimento da Pedagogia Social no Brasil, com secretaria geral itinerante.

EDUCAÇÃO SOCIAL E ESTADO - PROVIDÊNCIA

A Educação Social define-se, não apenas pelas funções que tradicionalmente têm sido da sua competência, mas também por aquelas que, em resposta às necessidades derivadas do Estado - Providência, lhe são atribuídas circunstancialmente (PETRUS, 1998).

A Educação Social está condicionada pela sua história, mas parte do seu



desenho realiza-se a partir das políticas sociais, próprias da sociedade do bem-estar: o que é o porquê, como surge, quais são as suas balizas políticas, legislativas, entre outras, uma vez que todos estes aspectos, influirão, em maior ou menor medida, na conceitualização e desenvolvimento da Educação Social. (GOHN, M. G., 2003)

Podemos dividir o Estado – Providência, como aquele no qual predomina a ação estatal, de tal maneira que, sem romper com as estruturas capitalistas, procura a otimização das condições de vida de todos os cidadãos.

Neste modelo, o Estado tende a produzir e distribuir bens e serviços nos setores não rentáveis ou de pouco interesse para o capital privado: educação, saúde, cultura, habitação, etc. Converte-se, assim, no primeiro empresário do país e, tudo isto, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.

Se o pós – guerra da primeira confrontação mundial foi uma ocasião propícia para a Pedagogia Social, mais ainda o foi o pós – guerra da segunda.

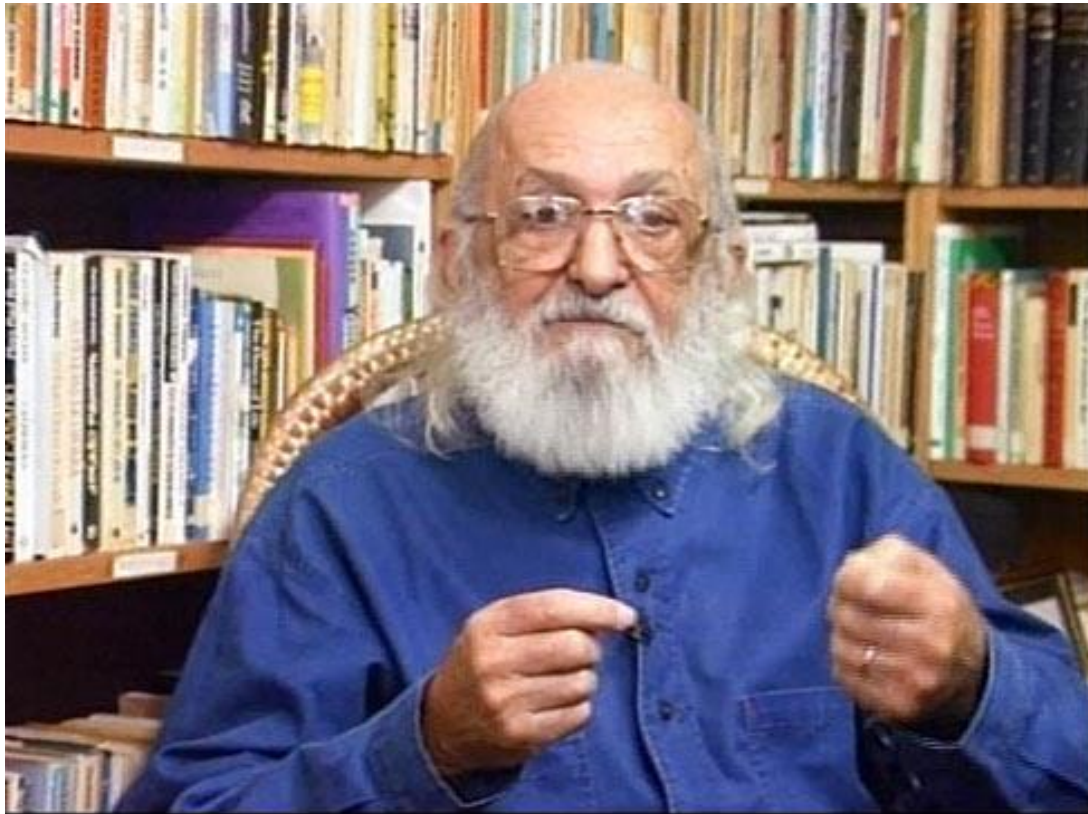
A ideia liberal de sociedade, apresentada como o “conjunto de indivíduos”, vai mudando e vão-se afirmando novas correntes como as teorias sociais – democratas, as teorias neo – marxistas, as teorias do Estado – Providência, etc., nas quais o ideal do homem é viver em sociedade, cujas regras de convivência são reguladas por um Estado protetor que deve estar a serviço de todos os cidadãos.

Como vimos todo este conjunto de acontecimentos e circunstâncias, que tornaram possível a reconstrução política e econômica, de alguns países europeus, foi contribuindo para a consolidação da Educação Social, para o que também concorreram de forma importante, a instauração da democracia e a conscientização dos políticos, sobre os direitos sociais de toda a população.

Se no início do processo, as intervenções não formais estiveram estritamente ligadas a projetos de educação popular desarticulados, ou ainda, a projetos de caráter exclusivamente assistencialistas, atualmente eles vêm se modificando e, passando a incluir em seu discurso, debates sobre políticas sociais públicas, para setores distintos, incluindo a sociedade civil nessa discussão, pois, apesar de ainda ser de forma restrita, vem se conscientizando em assumir suas responsabilidades. (ENQUITA, 2004).

No Brasil, **Paulo Freire** na década de 60, desenvolveu uma abordagem teórica

sobre educação popular, para a educação de adultos. A pedagogia de FREIRE difundiu-se e influenciou positivamente a alfabetização de adultos.



Reprodução TV Senado

<http://cclf.org.br/opiniao/carta-aberta-obrigado-paulo-freire/>

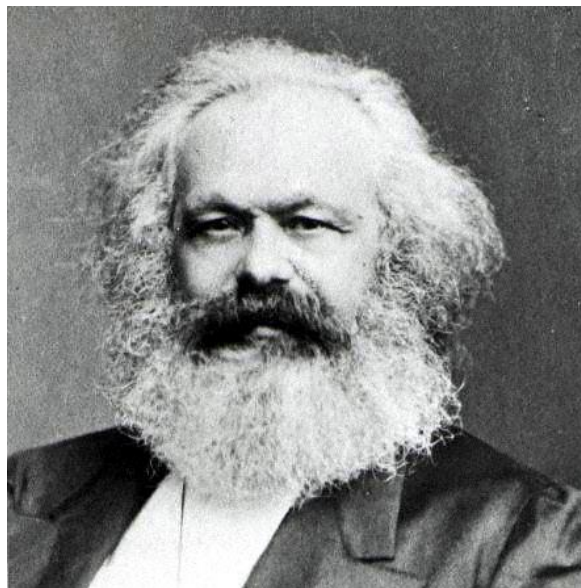
A prática da educação não formal tem pressionado para uma discussão mais ampliada, um debate teórico, a respeito da área sócio educacional como um todo, pois se percebe que alguns aspectos mais específicos, têm apresentado avanços significativos.

CLASSES SOCIAIS EM DIREÇÃO À ESCOLA

Dentre os aspectos mais simplistas para constarmos sobre as diferenças entre os homens, estão os físicos e os sociais. Em nossa sociedade, constatamos que existem indivíduos que vivem na mais completa miséria enquanto que outros vivem

no mais completo luxo, residindo em mansões, com mesa farta diariamente, vivendo em mansões, ao passo que outros, não têm onde morar nem o que comer durante o dia.

O primeiro a fundamentar essa afirmação foi **KARL MARX** (1818-1883), para quem a sociedade, é baseada não só no antagonismo das classes sociais, como também na diferenciação entre eles. Numa sociedade onde impera a desigualdade, esta se torna distinta, porque se constitui de fatores políticos, culturais e econômicos próprios.



<http://www.estudopratico.com.br/karl-marx-vida-obra-e-pensamentos/>

As classes sociais estão inseridas em um quadro antagônico, em constante luta numa sociedade capitalista, onde há predominância de uma classe sobre as demais, onde as relações sociais capitalistas alicerçam as dominações: política, ideológica, econômica, cultural, etc.

A extrema concentração de renda, o crescente estado de miséria, a mortalidade infantil, as disparidades sociais, a violência, a criminalidade, o desemprego, a desnutrição, os baixos salários e outros, nos dão a dimensão do nível a que chegaram as desigualdades sociais no Brasil. (ENQUITA, 2004).

Elas não se dão ao acaso, mas sim, produzidas por um conjunto de relações sociais, que levam à exploração do trabalho e a concentração de renda nas mãos de

poucos e, onde a maioria da população é excluída das decisões governamentais e de outros direitos.

Dentre os diversos indícios de pressões sociais, se encontra o da escola. A classe média vê a escola, como uma forma de mobilidade social, não se incomodando de fazer investimentos financeiros, nem de tempo nesta instituição, pois, não a considera meio de ascender a uma classe social mais elevada.



<http://www.lpansdodesterro.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>

É evidente que grande parte dessa classe social, objetiva garantir a seus filhos, uma formação de nível mais avançado, para que estes possam participar das elites, que são uma classe social dominante.

Para que seus filhos possam ascender ao grupo social das elites, integrantes da classe média exigem que a escola seja acessível aos seus rendimentos e que ministre um ensino de qualidade. A qualidade é exigida por eles, para que seus filhos estejam em igualdade de condições, de competir com os filhos de integrantes das classes dominantes.

Aliada à qualidade, a classe média exige uma certificação. Esse certificado garante a qualidade na formação do indivíduo e na educação que recebeu e ainda, é garantia que a classe social dominante, a corrobora.

A escola para a classe média deve ser capaz de aculturar a seus descendentes, pelas normas da classe social das elites, porque entendem ser esta, a única forma de se conquistar empregos, que estariam reservados somente às classes dominantes.

Portanto, exigem que a escola fomente a cultura das classes sociais

dominantes, para que estas possam voltar seus olhares, para os pequenos burgueses que são seus filhos, que ainda terão de passar por alguns ajustes essenciais, para integrarem-se à nova classe pretendida.

Receosa de ser a escola, local de mobilidade social de alguns de seus integrantes, a classe social dominante, lança seu olhar desconfiado para ela, pois, almejando o melhor para seus filhos, querem manter seu estatuto, impedindo essa mobilidade que a escola venha a proporcionar.

Em função disso, uma boa parte dessa elite, ataca impiedosamente a escola de massas, argumentando que os certificados expedidos por elas, não garantem a qualidade do ensino ministrado, pois, a consideram populista e demagógica, impedindo assim, que seus filhos a frequentem.

Na intenção de proteger seus filhos da escola de massas, pragmaticamente, os indivíduos da classe social dominante, os colocam noutra tipo de escola, para fugir da concorrência deles, com os de classe social inferior e, para afastar os pretendentes a garantir a ascensão, a uma classe superior e a frequentar escolas, com estatuto de elite. Eles não admitem, que um aluno de estrato social diferente do seu, possa participar do tipo de escola por eles frequentado.

O Estado lança seu olhar para a escola, almejando competir no mercado global, numa visão de que os estados que mais investem na educação, são aqueles que, melhores empregos oferecem e que, a globalização dos mercados econômicos, financeiros, culturais e outros, levaram o Estado a constatar que alcançavam melhores resultados nas empresas, aqueles estados com maior índice de desenvolvimento econômico, humano e social. Percebe-se que na atualidade, o Estado finalmente começa a reconhecer, que a escola é importante para o desenvolvimento social de um país.

ÁREAS DE ATUAÇÃO DA PEDAGOGIA SOCIAL

A Pedagogia Social é uma realidade em várias partes do mundo, como campo

de formação, pesquisa e trabalho, inclusive como profissão regulamentada. Sem conflitar com a Pedagogia Escolar, o Serviço Social e a Psicologia, a Pedagogia Social pode ser oferecida, como curso de graduação e especialização para profissionais de qualquer área de formação.

Entende-se a Pedagogia Social, como um projeto da sociedade, na qual todos os espaços e todas as relações sejam essencialmente pedagógicos. A Pedagogia Social tem como matrizes curriculares, as práticas de educação não formal e neste sentido, tanto possam complementar a educação formal, quanto constituírem-se em ferramenta de trabalho para as ONGs, projetos e programas sociais.



<http://www.paulistaatualizado.com.br/2016/07/seja-um-voluntario-nas-ongs-de-paulista.html>

Nas diversas áreas da Educação tais como: Educação Ambiental, Educação Rural, Educação no Campo, Educação em Saúde, Educação em Direitos Humanos, Educação em Valores, Educação Sexual e tantas outras expressões da Educação não escolar, são por nós entendidas como práticas de Pedagogia Social.

Os trabalhadores destas áreas precisam, entretanto, de formação pedagógica, assim como profissionais graduados de tantas outras áreas, podem fazer complementação pedagógica em Pedagogia Social, para melhor entender a dimensão

social dos problemas jurídicos, políticos ou econômicos que afetam nossa população e nosso país.

A missão da Pedagogia Social é se constituir em uma disciplina com visão de futuro, capaz de proporcionar condições dignas de trabalho, a milhares de educadores que trabalham com Educação não formal no Brasil, especialmente nas ONGs, Projetos e Programas Sociais.

Sendo a Pedagogia Social, integrante de uma das áreas de ação do campo do Trabalho Social, atua efetivamente em diversos setores, porém, fundamentalmente sua atuação se dá, nas áreas de intervenção sócio educacional em três grandes grupos (respeitados os aspectos da realidade e do contexto social) que são: Animação Sociocultural, Educação Especializada e a Educação de Jovens e Adultos.

No Brasil, assim como em toda a América Latina, a educação popular tem ampliado sua atenção, em diversificadas estruturas sociais e em diferentes projetos educacionais, contemplando: identidade étnica, participação comunitária, população indígena, questões referentes à língua, nativos, multiculturalismo, programas educacionais envolvendo toda a comunidade escolar, reforma agrária e educação rural, alfabetização de jovens e adultos, formação política, classes marginalizadas, questões de cidadania, dependência de drogas e outros vícios.

Relaciona-se ainda como educação não formal, enfocadas na Pedagogia Social, outros programas tais como: questões ecológicas, ambientais e de trânsito; do idoso (3ª idade), das minorias (sem-terra, índios, mulheres, negros, presidiários e hospitalizados) questões culturais e outras.

Muitos outros setores sociais merecem a atenção e o atendimento da Pedagogia Social divergindo, conforme citado anteriormente, devido às diferenças no contexto social. A Pedagogia Social, como uma das áreas no campo de especialidades do Trabalho Social, envolve uma série de que, na classificação de QUINTANA (1988), poderiam ser citados; entre tantos setores, elencamos os seguintes:

- a) Atenção aos imigrantes, às minorias étnicas, aos presos e ex-presidiários e, demais excluídos.

- b) Animação sociocultural.
- c) Atenção à família: em suas carências existenciais tais como: filhos de famílias desestruturadas da sociedade, que formam os grupos socialmente marginalizados, separações, etc.: adoção de tempo livre, férias.
- d) Atenção e apoio aos idosos: devido à violência e abandono na terceira idade.
- e) Apoio à adolescência - Orientação pessoal e profissional anticonceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, sexualidade, maternidade precoce primeiro emprego, etc.
- f) Atenção e inclusão dos deficientes físicos, sensoriais e psíquicos: tanto na sociedade, como no mercado de trabalho, orientando-os em seus direitos e deveres.
- g) Atenção à juventude: nos aspectos políticos da juventude, associacionismo, atividades, emprego, voluntariado e outros.
- h) Atenção à infância desamparada: devido ao abandono, ambiente familiar, alcoolismo, desestrutura familiar, etc.
- i) Pedagogia Hospitalar;
- j) Prevenção da condição social da mulher;
- k) Prevenção e tratamento das toxicomanias e do alcoolismo;
- l) Educação de Jovens e Adultos;
- m) Prevenção da delinquência juvenil (reeducação dos dissocializados).



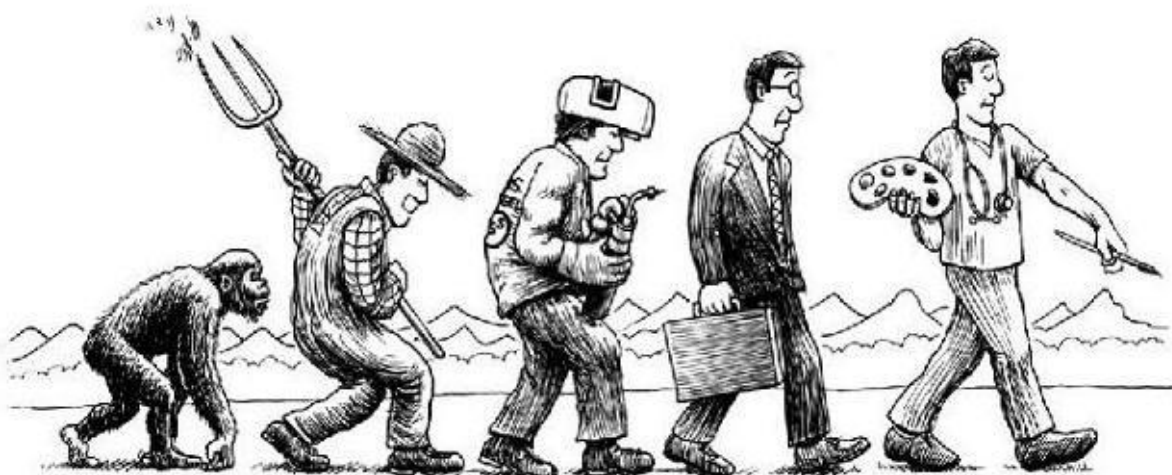
http://eventos.fecam.org.br/hotsite/home/index.php?cod_cliente=1&cod_evento=900

No Trabalho Social em ação, por serem decorrentes de necessidades sociais, essas áreas sofrem alterações, pois, é através da interação de uma equipe onde se

incluem profissionais de diferentes áreas, que se tornam viáveis projetos de implementação, acompanhamento e avaliação dentro dessa área social.

QUINTANA (1988) apresenta, a questão dos meios de comunicação de massa e a polêmica em torno da existência ou não de uma Pedagogia Social, dos meios de Comunicação Social. Coloca-se na defesa do duplo objeto da Pedagogia Social: a socialização do indivíduo e Trabalho Social, remetendo à Pedagogia Especial, as questões dos meios de comunicação, bem como da Pedagogia do Tempo Livre e Pedagogia Empresarial.

Para autores como VENTOSA (1992), Educação para o Trabalho, distingue-se da educação de adultos, pela natureza das propostas: conhecimentos teóricos e maior investimento em pesquisas dentro da área da Pedagogia Social, como forma alternativa à superação de práticas e intervenções sócio-educacionais propostas pela cultura escolar e pelo senso inclui novas áreas, como educação cívica e educação para a paz. Torna-se necessário o aprofundamento de discussões.



<https://sagaz.wordpress.com/2009/10/29/educacao-producao/>



LIDERANÇA GRUPAL

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como **LIDERANÇA**, entende-se ser a habilidade de exercer influência interpessoal por meio da comunicação, para a consecução de um objetivo comum de acordo com AUREN URIS (1991).

A liderança é uma habilidade até certo ponto, inata e preponderante, adquirida, podendo, pois, ser desenvolvida pela prática, acompanhada de uma formação técnica de qualidade na área.

A humanidade hoje, busca a liderança. Tudo caminha para a equilibrção, segundo PIAGET (1990). Qualquer membro do grupo exerce a liderança, à medida que as propriedades do grupo se modificam pela sua presença, conforme CATELL (1967).

Para exercer a liderança, o indivíduo deve preparar-se, com a finalidade de influenciar benéfica e positivamente, as pessoas com quem irá relacionar-se, para predispô-las a quererem atuar, com eficácia em direção aos objetivos visados no processo ensino-aprendizagem.



<https://tecnicasdebombeirocivil.wordpress.com/2015/07/06/aplicacao-da-lideranca-no-corpo-de-bombeiros/>

Entre os requisitos essenciais ao exercício da liderança, estão os seguintes:

- Amplo conhecimento de técnicas gerais de liderança e especialmente de relacionamento humano;
- Compreensão dos processos de integração social, controle, domínio e incentivo;
- Personalidade dotada de certos atributos, de exercer influência positiva no grupo;
- Cultura geral e específica no contexto das relações humanas. Conhecimento de alguns aspectos básicos do comportamento humano em grupo, isto é, características das dinâmicas de grupos.

TIPOS DE LÍDERES

Os líderes podem ser classificados sob vários pontos de vista, havendo inclusive, uma grande variedade na nomenclatura empregada.

Podemos distinguir dois tipos de líderes inicialmente, sendo eles: o líder formal e o líder verdadeiro.

O líder formal é aquele que influencia o comportamento do grupo, pela



autoridade que possui por delegação, isto é, por estar em cargo de chefia. É o caso do administrador escolar, em relação ao professor.

O líder verdadeiro é o que é capaz de levar o grupo, a estabelecer um objetivo comum e levá-lo a efeito, pelo prestígio que desfruta perante os seus membros.

O ideal, é que o líder formal, seja também o líder verdadeiro do grupo, porém se faz necessário, não confundir liderança propriamente dita com chefia. Esta é uma liderança que não surge dentro do grupo, ela vem de fora.

No tocante aos métodos de liderança, é comum classificar-se os líderes em três modelos: o autocrata, o laissez-faire ou livre e o democrático. O que caracteriza cada um desses tipos de liderança, ainda é motivo de controvérsia entre os diversos autores.

Quanto ao líder “autocrata”, o identificam como um ditador; no entanto como diz AUREN URIS (1991), não significa a ditadura ou a auto-satisfação voluntariosa do líder, às custas dos demais membros do grupo.

Ele não estabelece os objetivos com o grupo; ele conduz os membros do grupo a perseguirem e atingirem os objetivos pré - estabelecidos por ele, o próprio líder ou, por alguém hierarquicamente superior.

É o tipo de liderança, que mais se aproxima de chefia. A obediência por parte do grupo é um forte indício de uma liderança autocrática.



http://alinaquispehuamanquispe.blogspot.com.br/2015_08_01_archive.html

Em relação à liderança “laissez – faire” ou livre, vê-se nela apenas uma ausência de liderança, ou seja, uma liderança simplesmente formal, mas, conforme AUREN URIS, ela não significa ausência de liderança ou, um grupo entregue ao acaso ou a si próprio sem rumo ou meta.

Nesse paradigma de liderança, o indivíduo é um centro livre do grupo. O líder nesse caso, também parte de uma meta pré-estabelecida, que será conquistada por membros individualmente ou, por apenas um membro do grupo, conforme suas aptidões e interesses. De um modo geral, no paradigma da liderança livre, é observada a iniciativa dos membros do grupo.

Considerado por muitos como sendo um líder autêntico, o líder democrático emprega um método de liderança, que tem como eixo central o grupo, o líder apenas, um membro do grupo com um pouco mais de responsabilidade.

A liderança democrática tem como bases, o cooperativismo e a participação compartilhada, no estabelecimento e na consecução dos objetivos do grupo.

Atualmente, uma nova classificação tipológica de líderes surgiu, de acordo com os aspectos por eles enfatizados, no desempenho de seu trabalho. São eles: o

nomotético, o ideográfico e o transacional.

O líder nomotético, é o que prioriza a efetivação dos objetivos, sob a observância de regras e regulamentos rígidos, sem levar em consideração o ser humano. É um modelo de liderança, centralizada no autoritarismo.

Quanto ao líder ideográfico, este se caracteriza por enfatizar a individualidade dos indivíduos, dando mínima valorização a regras e regulamentações. Nesse novo paradigma, a autoridade é descentralizada.

Relacionando a consecução dos objetivos, ao mesmo tempo em que provê o grupo da satisfação de suas necessidades individuais, o líder transacional, equilibra os dois modelos anteriores, empregando cada um dos tipos de liderança, na medida de sua empregabilidade.

Pensava-se no passado, que o único método de liderança aceitável, era a liderança democrática. Porém, resultados de pesquisas e experiências, no entanto, levaram à mudança de opinião sobre o assunto, sendo que atualmente, acredita-se que qualquer método de liderança é válido e eficaz, dependendo da personalidade do líder e da situação do momento.



<http://www.gestaoporcompetencias.com.br/artigo-recursos-humanos/o-papel-do-lider-do-futuro-nas-organizacoes/>

Quanto à personalidade do líder, a maioria das pessoas tende a utilizar mais um modelo de método de liderança, em decorrência de seu temperamento e de suas

experiências anteriores, o que não as impede de serem bem sucedidas em outros métodos, quando a personalidade dos membros ou a situação assim o exigir.

Conforme a personalidade dos membros do grupo, é recomendado um certo tipo de liderança a ser empregado, pois se obterá maior eficácia nos resultados:

- A liderança Autocrática em geral torna-se eficiente, no trato com pessoas hostis, dependentes ou necessitadas de pulso forte, de autoridade, para desenvolverem seus projetos ou ainda, no tocante a indivíduos relutantes no cumprimento de seus deveres, pessoas que tenham má vontade em realizar seu trabalho, e outros.
- Em relação à situação momentânea, cada tipo de liderança deve ser empregado, para que os resultados sejam os almejados, tais como:
- Em casos de perigo, urgência ou emergência, a liderança Autocrática apresenta melhor aplicabilidade.
- A liderança Laissez-faire ou Livre adéqua-se melhor a tarefas que exijam acentuado emprego da imaginação, da inteligência, da observação pessoal e, em atividades que sejam executadas individualmente.

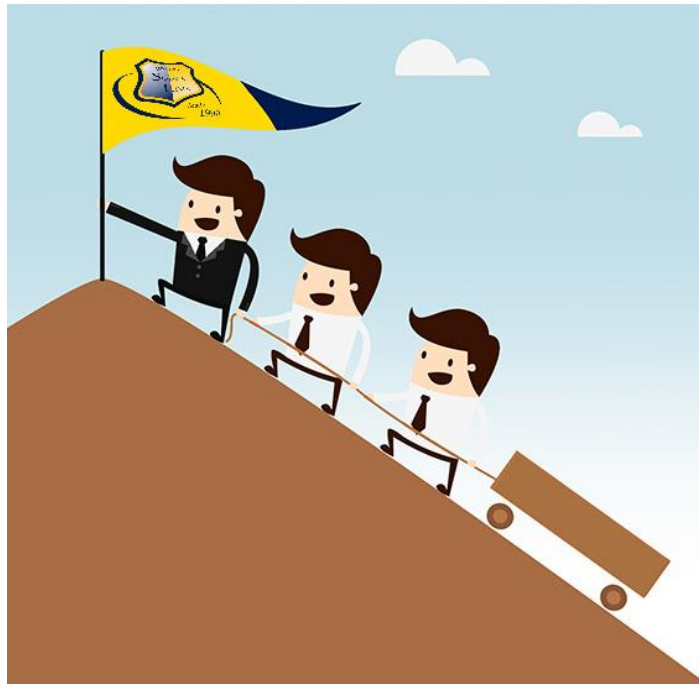
Em situações onde impere a normalidade, o emprego da liderança Democrática, torna-se mais eficaz.

Outras qualificações são atribuídas aos líderes: quanto à sua ação, existe o líder que fala o que aparece e o que influencia o grupo; quanto à sua ideologia, existem os líderes criativos que influenciam o grupo através de sua criatividade e, os criadores que se utilizam das ideias de outros, para exercerem sua influência junto aos membros do grupo.

Em função de sua maneira de agir, cada tipo de líder atua de forma definida:

- **Líder Autocrático:** dá ordens, toma decisões, informa sobre as decisões tomadas, representa o grupo.
- **Líder Laissez-Faire:** distribui tarefas, fornece informações solicitadas.
- **Líder Democrático:** coordena esforços de modo a torná-los produtivos, inspira o grupo de modo a leva-lo a encontrar soluções inteligentes, esclarecem objetivos, visando à motivação e aproveita ao máximo a capacidade individual de seus membros.

O PAPEL DA LIDERANÇA NO MEIO ESCOLAR



<http://www.gruposouzalima.com/o-papel-do-lider/>

O líder ou dirigente de um grupo, como o professor, é aquele que ajuda este grupo a realizar a contento, todos os seus objetivos, sempre que houver possibilidade, isto é, cumprir suas funções internas; segundo FILOUX (1983) o professor que almeja se tornar um eficiente “dirigente de grupo”, deve realizar uma das aprendizagens mais importantes que é a da liderança.

As características principais da liderança do professor são: a de ser um motivador, um animador, a alma e o exemplo, para que o grupo se identifique com ele e assim, tenham o desejo de segui-lo.

A função de líder no meio educativo cabe de fato e de direito ao educador, que é o responsável pelo desenvolvimento da liderança de seus educandos, aceitando a existência de líderes emergentes e informais, entre seu grupo de alunos.

O grupo e o líder se identificam, assim como a turma e o professor. Portanto, o docente que emprega métodos de grupo com seus alunos, com certeza é um líder com características democráticas. Dessa forma, faz-se necessário ao educador moderno, o conhecimento das normas de liderança, para que o trabalho do grupo possa ser iniciado e garantida sua continuidade.

Além disso, o professor deve modificar sua postura, sua conduta profissional, pois atualmente, ele deve atuar como um mediador da aprendizagem, estimulando o educando, a construir seus conhecimentos de forma significativa.

A postura do educador numa atuação mediadora deve contemplar as seguintes características:

- Interagir sempre com o grupo, na tomada de decisões;
- Utilizar sempre que necessário as dinâmicas de grupo;
- Trabalhar em grupos, criando responsabilidades;
- Empatia colocar-se no lugar do outro;
- Incentivar a pesquisa e a promoção do saber;
- Ouvir primeiro e depois falar;
- Preocupar-se com o grupo como um todo e com cada um individualmente;
- Avaliar continuamente, dando oportunidade ao educando de construir passo a passo suas aprendizagens;
- Ser um educador reflexivo.

Dentre as estratégias empregadas pelo educador, estão as Dinâmicas de Grupo, que dentro da Didática, serve de instrumento e orientação, para aproximar e auxiliar seus alunos, tanto no relacionamento humano, como no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.



A utilização das Dinâmicas de Grupo e suas metodologias no ambiente escolar trazem mudança de estilo e o espírito de grupo na escola, sendo que o educador é o responsável imediato, pois depende do nível da relação professor-aluno, que é desenvolvida por ele.

Para que o educador alcance êxito em sua liderança frente a seus alunos, sua postura é de extrema importância na consecução de seus objetivos. O professor é aquele profissional, que reúne a postura atenta e questionadora do cientista, a capacidade de amar de uma mãe, a simplicidade de criança e a criatividade de um artista.



<http://www.cursos24horas.com.br/mascote.asp>

O nível de conduta que o professor adota diante de seus alunos, é que determina a relação entre eles. O que diferencia o professor de um chefe são as características de liderança que ele apresenta, no jogo ação e reação, entre ele e seus alunos.

Alguns aspectos são aqui relacionados:

- Interação entre professor-aluno e aluno-aluno.
- Capacidade de adaptação e habilidade no trato com os diferentes grupos,



- usar a dinâmica adequada para cada caso;
- Começar do mais simples para o mais complexo; empregar as técnicas apropriadas;
- Saber ouvir, é uma arte.
- Levar o grupo a compartilhar das decisões tomadas;
- Depositar confiança no grupo, deixar o jovem agir por si próprio;
- Ter empatia, se colocar no lugar do outro;
- Ser amável, compreensivo, com sinceridade;
- Iniciar pacientemente, pois ninguém nasce sabendo;
- Os sentimentos, sempre determinam as relações humanas. Evitar discussões.
- Humildade e simplicidade, cabem em qualquer lugar.
- Ter um profundo conhecimento do conteúdo disciplinar;
- Respeitar o limite e o direito dos outros, com ética profissional.

O ato de educar, não deve se limitar à mera transmissão de conhecimento, mas também ajudar o aluno na formação de sua autoimagem, possibilitando o desenvolvimento de atitudes positivas, que contribuam para a construção de sua individualidade e sociabilidade.



<http://japanewsonline.blogspot.com.br/2015/10/professor-e-profissao-educador-e-missao.html>

NORMAS DE BOM RELACIONAMENTO HUMANO

Todos os indivíduos que exercem funções de liderança devem acreditar em cada membro de seu grupo, valorizar cada ser humano, demonstrar fé na capacidade de cada um, respeitar os sentimentos e aspirações individuais dos membros do grupo.

O relacionamento com cada elemento desse grupo é essencial, para que o líder possa conquistar um espaço, onde líderes e liderados convivam em um ambiente onde o respeito e as democracias imperem e onde através do seu prestígio, conquistado junto ao grupo, possa levá-los a crescer, a mudar de atitude e a conviver em harmonia.

Conforme PICHON RIVIÈRE (1988) pode-se falar em grupo, quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes, se reúne em torno de uma tarefa específica. No cumprimento e no desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos, para cada um assumir-se enquanto participante de um grupo, com um objetivo mútuo.

Isto significa também que, cada participante exercitou sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seus pontos de vista. As palavras, os gestos e símbolos foram

criados, para que possamos comunicar os fatos, que fazem parte tanto de nossas experiências pessoais, assim como daquelas, vivenciadas pelos demais componentes da humanidade.



<http://comincorp.blogspot.com.br/2006/10/dicas-de-bom-relacionamento.html>

Portanto, descobrimos que, mesmo tendo um objetivo comum, cada participante é diferente do outro. Tem sua identidade. Neste exercício de diferenciação- construindo sua identidade – cada indivíduo vai introjetando o outro dentro de si. Consequentemente, isto corresponde a dizer, que cada pessoa quando longe da presença do outro, pode “chamá-lo” em pensamento, a cada um deles ou, a todos em conjunto.

Este fato assinala o início da construção do grupo, enquanto composição de indivíduos diferenciados, o que PICHON RIVIÉRE denomina de grupo interno.

INDIVÍDUO, SER “GENETICAMENTE SOCIAL”

A identidade do sujeito é um produto das relações com os outros. Neste sentido, todo indivíduo está povoado de outros grupos internos em sua história. (WALLON-1995). Os impulsos de abrigo, os instintos elementares de alimentação, de satisfação sexual e outros, que existem no homem, como em qualquer outro animal, os tornam parecidos; porém, a grande qualidade que existe no ser humano e que o difere de todos os outros animais, é a sua capacidade de poder pensar abstratamente.

Sua capacidade de abstração, o faz ambicionar horizontes mais amplos em sua

existência. Assim, como também, povoado de pessoas que o acompanham em sua solidão, em momentos de dúvidas e conflito, dor e prazer. Desta maneira, estamos sempre acompanhados por um grupo de pessoas que vivem conosco permanentemente.



<https://anheloservir.wordpress.com/2014/10/28/el-hombre-social/ser-social/>

Segundo WALLON, em termos gerais, a influência deste grupo interno, permanece inconsciente. Algumas vezes, só no esquecimento (pré-consciente) e não nos damos conta que estamos repetindo, reproduzindo estilos, papéis, que têm que vir com vínculos arcaicos onde outros personagens jogam por nós.

Todos estes integrantes do nosso mundo interno, estão presentes no momento de executarmos qualquer ação, na realização de uma tarefa. Por isso, nosso ser individual nada mais é que um reflexo, onde a imagem de um espelho que nos devolvem, é a de um “eu”, que aparenta unicidade, mas, que está composto por inumeráveis marcos de falas, presenças e modelos de outros.

Todo indivíduo se associa a um grupo, com necessidades interpessoais específicas identificadas. SCHULTZ (1978), autor da teoria das “necessidades interpessoais”, afirma que os membros de um grupo, não consentem em integrar-se, senão a partir do momento em que certas necessidades fundamentais são satisfeitas pelo grupo.

Essas são necessárias, porque todo ser humano, que se agregam a um grupo, as experimenta em graus diversificados. São necessidades interpessoais. Classificam-se em três, as necessidades interpessoais: Inclusão, Controle e Afeto.

Todo indivíduo ao entrar em um grupo, preocupa-se inicialmente, com a sua inclusão, passando a seguir para o controle e finalmente para satisfazer sua necessidade de afeição.



<http://processosgrupais2014.blogspot.com.br/2014/06/caracteristicas-dos-grupos-sociais.html>

INCLUSÃO

Toda vez que um novo grupo é formado ou, quando se entra pela primeira vez em um grupo, segundo a teoria de SCHULTZ, a pessoa procura satisfazer sua necessidade de inclusão, que se define como a necessidade que experimenta todo membro novo de um grupo, de se sentir aceito, integrado, valorizado totalmente por aqueles aos quais se agrega.

É ainda durante essa primeira fase, que as pessoas se dão conta, se vieram ou não para o grupo certo. Procura sondar com os outros membros do grupo, para ver com quem seu estilo de vida, seu modo de se trajar, seu linguajar e sua maneira de ser, se assemelha.

É uma fase importante para se estabelecer confiança e o sentimento de pertencimento. Em todo grupo onde se estabelece confiança, há um crescimento de estima e confiança pessoal. Para o funcionamento de um grupo eficaz, a satisfação da necessidade de inclusão, representa um pré-requisito indispensável.



<http://www.sbdg.org.br/web/site/etapa-de-inclusao-no-grupo/>

CONTROLE

Uma vez satisfeita sua necessidade de inclusão, a atenção do indivíduo se dirige para a influência e o controle. Para SCHULTZ, a necessidade de controle consiste para cada membro, em se definir, para si mesmo, suas próprias responsabilidades no grupo e também, as de cada um que com ele forma o grupo.

Em outras palavras, é a necessidade que experimenta cada novo membro de se sentir totalmente responsável por aquilo que constitui o grupo: suas estruturas, suas atividades, seus objetivos, seu crescimento, seus progressos.

Todo participante de um grupo pode igualmente aprender, praticar e compartilhar a influência e o controle, quando:

- Buscar uma posição de comando ou uma função no grupo;
- Sentir-se à vontade, quando os outros procuram o comando;
- Sentir que aumenta sua própria influência no grupo;
- Aprender os diversos estilos de decisão;
- Aceitar a rotatividade no comando e demais funções no grupo.



<http://www.vagas.com.br/profissoes/tag/dinamica-de-grupo/>

AFEIÇÃO

A terceira e última necessidade considerada fundamental por SCHULTZ em toda a dinâmica de grupo à necessidade de afeição. Essa necessidade é sentida em graus diversos e segundo modalidades diferentes, por vezes opostas, para os indivíduos que devem ou querem viver ou trabalhar em grupo, consiste segundo SCHULTZ, em querer obter provas de ser totalmente valorizado pelo grupo.

Não somente aquele que se agrega a um grupo aspira ser respeitado, ou estimado, por sua competência, ou por seus recursos, mas a ser aceito como pessoa humana, não apenas pelo “ter”, mas pelo “ser”, que é o que importa.

Os membros de um grupo satisfazem suas próprias necessidades de afeição e a dos outros, quando:

Procuram chegar mais cedo para se reunir ao grupo, com o objetivo de melhor conhecer os outros;

Expressam verbalmente o que sentem em relação aos outros;

Apoiam verbalmente o trabalho dos outros, aplaudindo aquilo de que gostam ou expressando sua apreciação por escrito.

UTILIDADE DA CONVIVÊNCIA

Em todo grupo humano constituído, existe a necessidade de conviver, melhor ainda, aprender a conviver. Isso supõe um processo. Geralmente, usa-se a

convivência para grupos que já tiveram algum conhecimento, embora superficial, ou, para grupos que iniciam uma caminhada juntos. O conhecimento, neste caso, é fundamental como ponto de partida.

Todos têm uma necessidade de agrupar-nos, de estar com, de estar em relação com, visando à ampliação do domínio de comum.

O desafio da Pedagogia Social é lidar de forma construtiva, com as questões sociais do nosso dia- a- dia, no convívio e no trabalho com outras pessoas. Cada um de nós está constantemente, em busca do caminho de realização de sua própria individualidade e nisso, dependemos também daqueles com os quais convivemos.

Em nosso convívio social, podemos criar as condições necessárias, para a realização de cada individualidade e, como cada individualidade pode contribuir, para a realização da sociedade, a Pedagogia Social visa nos auxiliar nessa tarefa, à luz da Antroposofia.



<http://www.soucatequista.com.br/eu-e-o-grupo.html>

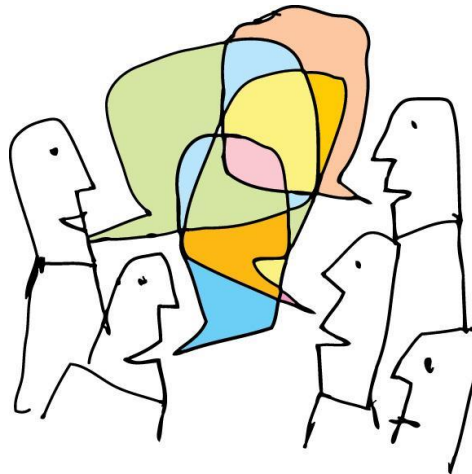
Do ponto de vista metodológico, a Pedagogia Social com bases antroposóficas, evita os chamados “projetos “(com data de início e data de término), privilegiando os chamados processos (que tem data de início, mas não de término). Isso não quer dizer que não existam objetivos, organização, prazos, orçamentos, etc.

Mas quer dizer que se privilegia o desenvolvimento das pessoas e não o seu adestramento numa determinada tarefa.

A abordagem é muito mais situacional, construída sob medida específica, aproveitando as experiências profissionais e de vida de seus participantes. Constrói-se assim, passo a passo com eles, a solução para um determinado problema. A consequência é um compromisso muito mais forte dos envolvidos, pois a solução partiu deles e da sua realidade. A solução e suas ações são vista como propriedade do grupo.

A metodologia ainda propicia uma profunda conscientização das pessoas envolvidas quanto a seus valores, missão de vida e o desenvolvimento das chamadas habilidades sociais: perdoar, decidir, ouvir, falar, observar, negociar, aconselhar, etc.

É um trabalho na assim chamada “oficina interna”. É realizado através de muitas “vivências”, seguidas de reflexões individuais e “resgates” nos grupos, ao invés de discursos e palestras intelectuais. São estimuladas também atividades artísticas, como: pintura, modelagem, etc. As dinâmicas de grupo são utilizadas como suporte ao autoconhecimento.



<http://decifrandoingles.blogspot.com.br/2011/02/para-professores-dinamicas-para-o.html>

RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO

EXIGÊNCIAS DE UMA BOA CONVIVÊNCIA

- Nunca jogar com os sentimentos dos outros. Não envergonhar ninguém diante de outras pessoas.
- Embora se acredite superior a outras pessoas na inteligência, cultura, dinheiro, posses,

poder, beleza, aptidões, etc., não humilhe ninguém, pois quem for humilhado, jamais esquecerá;

- Procure sempre agir com justiça e cordialidade. Assim evitará ressentimentos e hostilidades em relação à sua pessoa;
- Não se deixe levar por nervosismos, impaciências e egoísmos. Conduzem irremediavelmente para a insatisfação e o descrédito;
- Jamais corte as asas da ilusão e da esperança de alguém. A esperança e a ilusão alegam o coração do homem e o impulsionam até outras realidades e espaços às vezes insuspeitos;
- Seja respeitoso com os outros. Seja correto no falar. Não procure disfarçar a verdade. Jamais prejudique alguém com palavras ou por escrito.
- Saiba acolher com um sorriso. Oferecer um sorriso a alguém num momento determinado pode trazer satisfações interiores e recompensas inesperadas;
- Seja uma pessoa emocionalmente estável. Não passe de conversas a gritos, da alegria incontrolada à depressão e às lágrimas.
- Interessar-se pelo outro quando se encontra acabrunhado, preocupado, é demonstrar uma autêntica amizade. É uma das grandes conquistas humanas;
- Saiba ouvir, tenha paciência, tenha empatia e coloque-se no lugar do outro, pois assim o relacionamento professor X aluno se dará de forma transparente e produtiva.



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=13109>

TÉCNICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

UMA EDUCAÇÃO PARA O AGORA

As técnicas de Dinâmicas de Grupo, em qualquer de suas especificações,

não devem ser aplicadas apenas para criar um modelo novo ou diferenciado de ensino. Devem ser aplicadas quando se busca estabelecer em bases definidas uma filosofia formativa que se pretende empregar na escola ou fora dela; quando se descobre, nas pessoas envolvidas no processo, um estado de espírito para aceitarem uma inovação, como resposta à necessidade e ao desejo de se conhecerem melhor. (CELSO ANTUNES, 1997).

Existem inúmeras técnicas, para finalidades específicas. O docente deve estar ciente dos objetivos de cada técnica, em função da índole do grupo e da intenção que se deseja trabalhar. Os resultados são variáveis, devido às especificidades de cada grupo e em particular de cada membro deste.

Finalmente, quando se acredita que uma técnica, seja ela qual for não representa uma “poção mágica”, capaz de educar pessoas e alterar comportamentos, mas somente uma estratégia educacional válida, na medida em que se insere em todo um processo, com uma filosofia amplamente discutida e objetiva claramente delineada.

O emprego de qualquer técnica didático - pedagógica, utiliza o Método Heurístico, que se apoia em três princípios básicos:

1. O conhecimento é obtido através de fatos e experiências;
2. O conhecimento não deve contradizer experiências e fatos comprovados;
3. Um conhecimento se justifica, quando parte de uma experiência, é evidenciada por outro conhecimento.

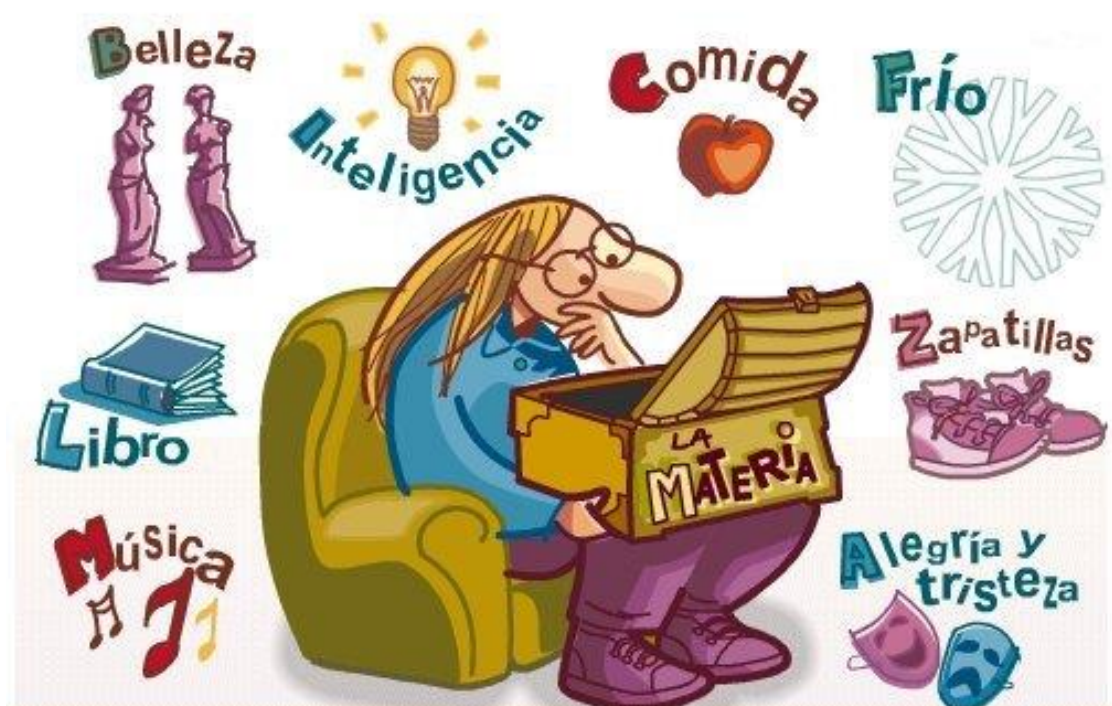
Considerando essas propostas, existem algumas técnicas específicas para o conhecimento, outras para a avaliação, e algumas para a investigação. Sempre devem existir fatos científicos ou experiências a conhecer, avaliar ou investigar.

As técnicas pedagógicas constituem extraordinário instrumento de motivação, uma vez que transformam o conhecimento a ser assimilado em um recurso de ludicidade e em sadia competitividade.

As técnicas pedagógicas poderão ser aplicadas por educadores, em qualquer disciplina curricular ou, em atividades que visem o despertar do espírito crítico e a socialização do aluno. Válidas para o trabalho com estudantes no desenvolvimento de

um conteúdo específico; para coordenadores pedagógicos em seu trabalho com professores, mas principalmente para orientadores educacionais em programas desenvolvidos dentro e fora da sala de aula e que visem o despertar do educando para valores, raramente vivenciados no conteúdo curricular desta ou daquela disciplina.

Na educação não formal, as técnicas pedagógicas são utilizadas para o treinamento de pessoal, para especialistas em cursos de capacitação continuada, para seleção de pessoal na área de Recursos Humanos e Administração de Pessoal, para recreacionistas em atividades lúdicas e formativas, para os pais promoverem brincadeiras com seus filhos.



<https://estrategiaspedagogicasplanadas.wordpress.com/>

Características das Técnicas Pedagógicas

As **técnicas pedagógicas** priorizam o trabalho do professor em sala de aula, e eventualmente são empregadas em seminários para empresários quando necessite

transmissão de informações e assimilação completa.

As **técnicas ludopedagógicas** são empregadas para o desenvolvimento psicomotor da criança, podendo ser utilizar em escolas, em programas de recreação, para os pais orientarem seus filhos.



<http://gizdouradopedagogia.blogspot.com.br/p/ludopedagogia.html>

As **técnicas de sensibilização** são utilizadas em programas de orientação profissional e em atividades de integração social do aluno ou de orientação profissional, orientação educacional, treinamentos de pessoal, e outros.

Em **Dinâmica de Grupo**, não ocorre a competição interpessoal que magoa o derrotado, mas a disputa grupal que se apoia numa solidariedade da microunidade. Nessas condições, as técnicas, além de motivadoras, contribuem seguramente para a criatividade, desinibição, coerente avaliação dos progressos, fixação dos conhecimentos adquiridos e, principalmente, favorecimento e fortalecimento da formação da personalidade do envolvido, na medida em que o inserem positivamente em um grupo de trabalho ou de estudo.

Na escolha das técnicas, é necessário que o docente ou coordenador da dinâmica, conheçam a finalidade de cada uma, para que possam escolher aquela, que venha de encontro aos objetivos propostos e surtam o efeito desejado.

Alguns exemplos e sua empregabilidade:

- Aprendizagem de conhecimentos - Técnicas: Entrevista e Júri Pedagógico;
- Integração Total e Debates- Técnicas Painel Integrado, Mesa-Redonda e

Fórum;

- Intercâmbio de Ideias - Técnicas: Discussão Dirigida e Estudo de Casos;
- Treinamento em tomada de decisões - Técnica Estado Maior;
- Participação Total - Técnica Phillips 66;
- Compreensão vivencial de situações - Técnica Role-playing;
- Desenvolvimento de Criatividade - Técnica Torcelinho de Ideias.

Técnicas didático-pedagógicas e sua empregabilidade na escola

Técnica Painel de Debates:

Como o próprio nome indica, o Painel de Debates é uma oposição à passividade imposta pela tradicional figura do mestre, detentor de todo saber e de todo poder, que nesta atividade substitui-se pela figura de um mediador, participando de interessantes discussões.



http://br.freepik.com/vetores-gratis/criancas-na-escola-debate_832392.htm

Pode ser utilizado em estratégias em diversificados grupos na Educação não

formal e, na educação formal, em sala de aula em disciplinas das Ciências Humanas, onde ideias e ideologias diferentes precisam ser esclarecidas sem partidarismos. Em Ciências Exatas, a técnica pode também ser aplicada, colocando frente a frente, os argumentos contraditórios de diferentes teorias científicas.

Muito mais que em qualquer outra técnica, aqui, é extremamente importante o papel do monitor (educador) que, com imparcialidade, deve ressaltar os argumentos propostos, independentemente de sua simpatia ou não pelos mesmos.

Conviria, dias antes que o marcado para o Painel, que o monitor apresentasse as linhas gerais da polêmica para todos os grupos, mostrando a dualidade de opiniões estabelecíveis a respeito.

Ainda que seja impossível mostrar a ampla diversidade de teses que poderiam justificar um Painel de Debates, temos obtido resultados sempre agradavelmente surpreendentes quando resolvemos propor temas na linha reflexiva do sim e do não. Exemplos: o Sim e o Não do Planejamento Familiar, da Energia Nuclear, do Pagamento da Dívida Externa, da Educação Formal e Não Formal etc.

Etapas do Painel de Debates:

O monitor reapresenta o tema em debate e estabelece as regras fundamentais de participação das duas equipes encarregadas de ocuparem posições em divergência. Nesta proposição, todas as demais equipes assumirão um papel de plateia, eventualmente sendo chamadas à participação:

Apresentação dos argumentos da Equipe A sem direito a réplicas.

Apresentação dos argumentos da Equipe B sem direito a réplicas.

Perguntas da Equipe A para a Equipe B.

Perguntas da Equipe B para a equipe A

Perguntas do Plenário para a Equipe A, com direito a réplicas.

Perguntas do Plenário para a Equipe B, com direito a réplicas.

A etapa seguinte será destinada a apresentação do material. Cada equipe disporá de pelo menos cinco minutos para mostrar slides, gravuras, depoimentos em entrevistas gravadas.

Concluídas as teses, terá início uma das etapas mais importantes do Painel de

Debates: o julgamento.

Em primeiro lugar, deve-se esclarecer que o plenário irá julgar as teses, nunca os grupos. Isso feito, cada participante de cada um dos grupos do plenário disporá de quatro pedaços de papel de mais ou menos 4x4 cm. Cada papel será um voto.

-No primeiro pedaço de papel o participante votará no grupo que melhor se apresentou como equipe, que menos apoiou em um ou outro elemento, revelando maior sentido de conjunto.

-No segundo papel, o participante vai analisar a apresentação geral, deixando-o em branco ou votando no grupo que, ao longo de toda a sessão, melhor se apresentou.

-O terceiro será relativo à convicção, escolhendo-se o grupo que com maior ardor e disciplina de trabalho defendeu sua tese.

-O último voto, indicará o grupo que melhor revelou lucidez ou clareza.

É muito importante salientar que a tese em si não foi julgada e sim a participação dos grupos. Esse detalhe é de grande importância, porque cada grupo do plenário, cada aluno enfim, já entrou em aula com uma opinião preestabelecida sobre o conteúdo em debate, motivo pelo qual tal opinião não serve como argumento para se julgar a tribuna.

Encerradas as apurações, feitas pelo monitor e por um integrante de cada grupo, o resultado é apresentado, seguindo-se a confraternização geral.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Durante todo o desenrolar do Painel de Debates, o monitor deverá estar atento, anotando as questões que formulará ao Plenário. Depois de encerrado o Painel, designará um ou mais alunos de cada grupo para responderem, por escrito, de cinco a dez questões objetivas sobre os temas apresentados.

O número de acertos de cada grupo indicará os pontos ganhos. O máximo de pontos atribuídos a um grupo do Plenário será ganho também por ambos os grupos da tribuna. A esse máximo mais alguns pontos serão acrescentados, a critério do professor, ao grupo da tribuna que melhor se apresentou.

Desta maneira todos os participantes acompanham o Painel, pois sabem que

poderão, em nome de seus grupos, ser arguidos, e todos os grupos- do Plenário e da Tribuna – terão praticamente idênticas oportunidades de sucesso.

Concluída a atividade o monitor deverá apresentar uma exposição sobre o tema discutido, destacando a contribuição de cada grupo participante e completando esclarecimentos a respeito de eventuais falhas e omissões, para plena fixação do tema desenvolvido.

TÉCNICA DO ARQUIPÉLAGO

A técnica do Arquipélago, é uma das mais completas, permitindo momentos de participação individualizada_ como o Cochicho ou Hiper- arquipélago e outros de participação coletiva. Por essas características, é bastante utilizada em salas de aula e seminários sobre Recursos Humanos, constituindo-se, para muitos professores, como uma única técnica com a qual trabalham com as classes. Aplicável a qualquer faixa etária, é perfeitamente adaptável a qualquer disciplina do currículo escolar.

Etapas da técnica arquipélago

A técnica inicia-se com a indicação de um pequeno texto que deve ter sido anteriormente estudado. Os grupos disporão de alguns minutos para revê-lo.

Após alguns minutos em que todos os grupos discutem o texto, O monitor indica um participante de cada grupo, levanta-se um participante de cada grupo para representá-lo. Ao sinal, de cada grupo levanta-se um participante para ocupar lugar em qualquer outro grupo.

O monitor formula de três a seis questões fechadas – do tipo falso/verdadeiro ou múltipla escolha – que deverão ser respondidas por escrito pelo participante que representa sua equipe. Os demais podem responder ou não a essas questões apenas como verificação pessoal de seu rendimento e assimilação.

A outro sinal do monitor, cada representante retorna a seu grupo, deixando na equipe que o acolheu, o papel em que colocou suas respostas. O monitor informa o valor de cada acerto, eventualmente o valor negativo de cada erro, e apresenta comentários sobre as respostas corretas. Cada uma das equipes confere essas respostas com a apresentada pelo representante do grupo oponente e os saldos de

pontos obtidos são informados ao monitor que os registra por escrito. Está concluída a primeira etapa do Arquipélago.

Um novo ou mesmo texto, é proposto ao grupo para nova leitura e discussão. Desta vez, todos os membros das equipes reunidos deverão responder as questões formuladas pelo monitor. Como existe uma tentativa grupal de respostas, as questões são agora bem mais interpretativas e difíceis. Respondidas as questões, o monitor deve arbitrar o total de pontos obtidos por cada uma das equipes e soma-los ou deduzi-los dos pontos obtidos quando da primeira etapa. Está concluída a segunda etapa do Arquipélago.

A terceira etapa inicia-se com um determinado tempo, sendo atribuído novamente a cada equipe, para uma leitura atenta. Logo após repete-se o desenvolvimento da primeira etapa. Contudo, desta vez o representante da equipe, que irá sentar-se em outra resposta, deverá ser indicado pela própria equipe e não mais pelo monitor. Completamente assim a terceira etapa do Arquipélago.

A quarta e última etapa do Arquipélago repete a segunda, sempre antecedida de uma leitura e discussão do texto. Ao final da atividade, o monitor registrará a posição de cada equipe, estabelecida através dos pontos ganhos ou, eventualmente, perdidos. Está encerrado o Arquipélago.

Antes da aplicação de uma técnica em que os alunos participem individualmente, é interessante indagar se algum está disposto a não participar. Em caso afirmativo este aluno não será chamado para atividades individuais, mas sua média individual será calculada abstraindo-se da mesma os pontos obtidos pelo grupo.

A possibilidade de oferecer a participantes não preparados o direito a uma não participação facilita a aceitação plena do grupo de todos os elementos designados para o mesmo. Em linguagem esportiva, diríamos aos grupos que os “jogadores” que “não treinarem” Isto é, não estudarem, podem “não jogar”, para não prejudicar a sua equipe, ainda que tal circunstância não os exclua de prejuízos individuais.

BIBLIOGRAFIA

ENQUITA, M. F.-Educar em tempos incertos. RS: Artmed-2004.

GOHN, M. G.; Movimentos Sociais e Educação. São Paulo: 5ª edição – Editora Cortez, 2003.

TRILLA, J., ROMANS, PETRUS.; Profissão Educador Social. Porto Alegre: Editora Artmed, 2003.

Bibliografia Complementar

ANTUNES, C .- Manual de Técnicas- de Dinâmicas de Grupo de Sensibilização de Ludopedagógica- Rio de Janeiro: Vozes- 1997.

ARROYO, M. G.; Mestre, educador e trabalhador: organização do trabalho e profissionalização. Belo Horizonte, FAE/UFMG-, 1985.

ARROYO, M. G.; A Escola e o Movimento Social: Relativizando a Escola. Revista ANDE. São Paulo: Nº 12, p. 16-21,

AUREN, Uris; Liderança. São Paulo: Editora Ibrasa, 1991.

CAMBI, F, e OREFITE.M.;Il proceso formativo.Interpretazione e progettazione pedagógica. Nápoles: Ed. Zignori, 1996.

CATELL, R. B.; Princípios de esquemas nos testes projetivos de má-percepção da personalidade. IN: Anderson, H. H. & Anderson , G. L.- Técnicas Projetivas do diagnóstico psicológico. São Paulo: Mestre Jou, 1967.



FERMOSO, P.; Pedagogia Social: Fundamentación Científica. Barcelona: Editora Herder, 1994.

FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR. M. A . S. (Orgs)- Gestão da Educação : impasses, perspectivas e compromissos. São Paulo: Cortez, 2000.

FILOUX, J. C.; A Personalidade. São Paulo: Editora Bertrand Brasil Ltda, 1983.

GADOTTI , M.; PADILHA, P.R.; CABEZUDO, A . (Orgs)- Cidade Educadora-princípios e experiências. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Cidades Educadoras América Latina, 2004.

GADOTTI, M .-Pensamento Pedagógico Brasileiro -São Paulo: Ática,2004.

GOHN, M . G. Da.- Educação não formal e cultura política. São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÃNEO, J. C. – Pedagogia e Pedagogos, para que? - São Paulo: Cortez, 2002.

LÜCK, H.- A escola participativa: o trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MARK, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política, em Fernandes, F. (org.), K. Marx & Engels : História. São Paulo: Editora Ática, 1983.

MOLLENHAUER,K.; Zur Funktionsbestimmung der sozialpädagogik in wissenschaft und unterricht, pp- 49-52, 1978.

NARTOP, P.; Sozial- Idealismus- Berlim- Verlag von Julius Springer, 1920.

NOHL, H.; Diepädagogische Bewegung in Deutschland und ihre theorie. Zweite,

durchgesehene und mit einem nachwort versechene auflage. Frankfurt am Main: Gerhard Schulte- Bulmke, 1935.

ORTEGA Y GASSET, J.; A rebelião das massas. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.

PARCERISA, A .; Didáctica em la Educacion Social. Barcelona: Grão, 1999.

PÉREZ SERRANO, G.; Pedagogia Social- Educación Social. Construcción científica e intervención práctica. Madrid: Narcea, 2003.

PETRUS, A .; Educación Social y perfil del educador/a social. In: SAEZ, J. (coord.). El educador social. Murcia: Universidade de Murcia, 1994.

PETRUS, A.; Pedagogia Social. Barcelona: Editora Ariel, 1998.

PIAGET, J.; Para onde vai a educação? Lisboa: Editora Livros Horizonte, 1990.

PICHON-RIVIÉRE, E.; O processo grupal. São Paulo: 3ª edição- Editora Martins Fontes, 1988.

QUINTANA, J. M.; Pedagogia Social. Madrid: Editora Dykinson, 1988.

SCHULTZ, Willian C.; Psicoterapia pelo encontro. São Paulo: Editora Atlas, 1978.

STEINER, Rudolf. Futuro Social. São Paulo: Editora Antroposófica Ltda, ISBN, 1986.

TRILLA, J.; La Educacion fuera de la escuela. Ambitos no formales y educación social. A: Editora Ariel, 1996.

VENTOSA, V. J.; Educación social, animación e instituciones. Madrid: Editores CCS,



1992.

WALLON, Henri.; As origens do caráter na criança. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1995.